

O QUE MAIS CAI NA UniRV

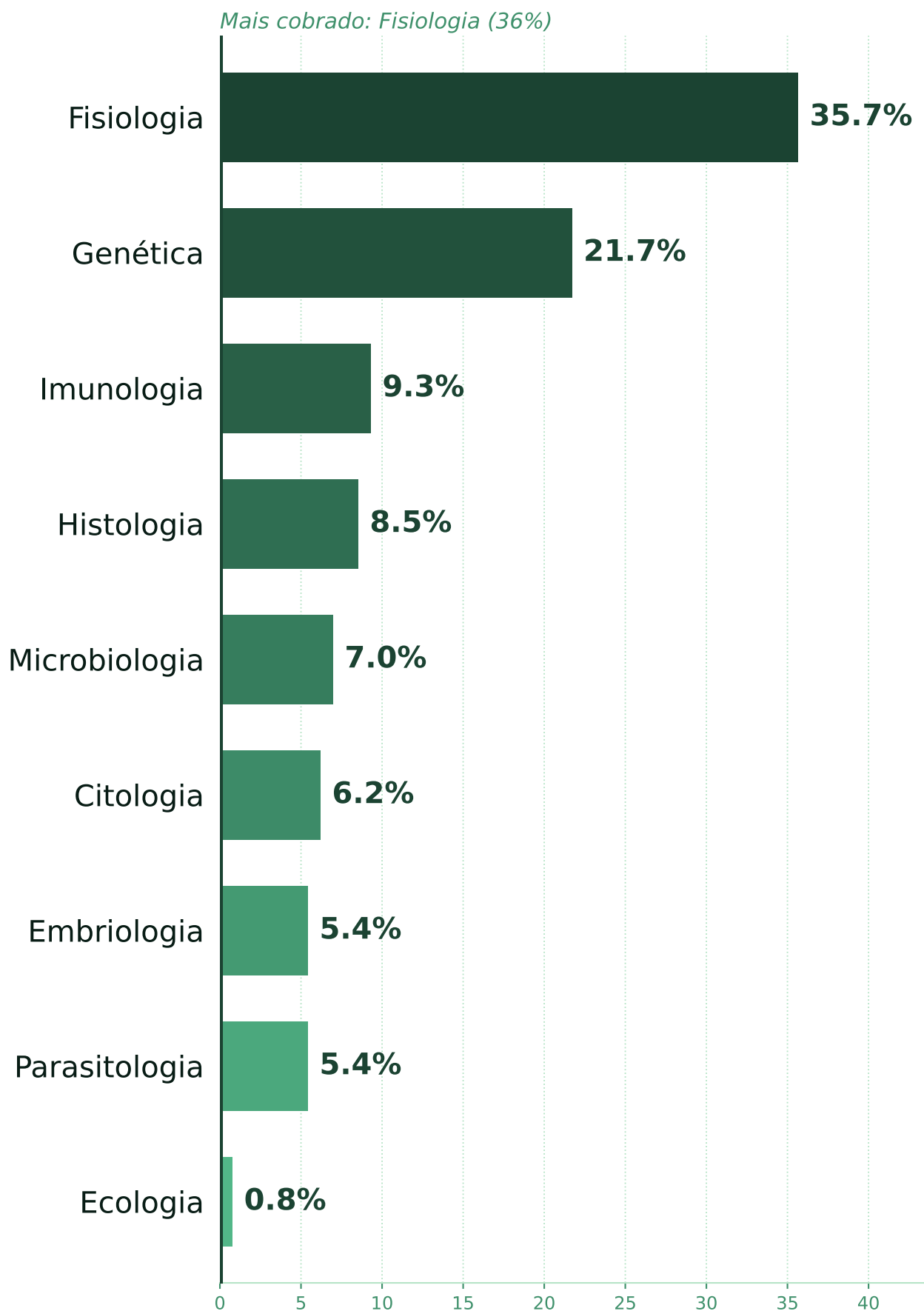
Mapeamento de subtópicos por disciplina

1.162 questões classificadas · 9 disciplinas · provas de 2018 a 2026

Vestibular de Medicina · Todos os campi da UniRV

BIOLOGIA

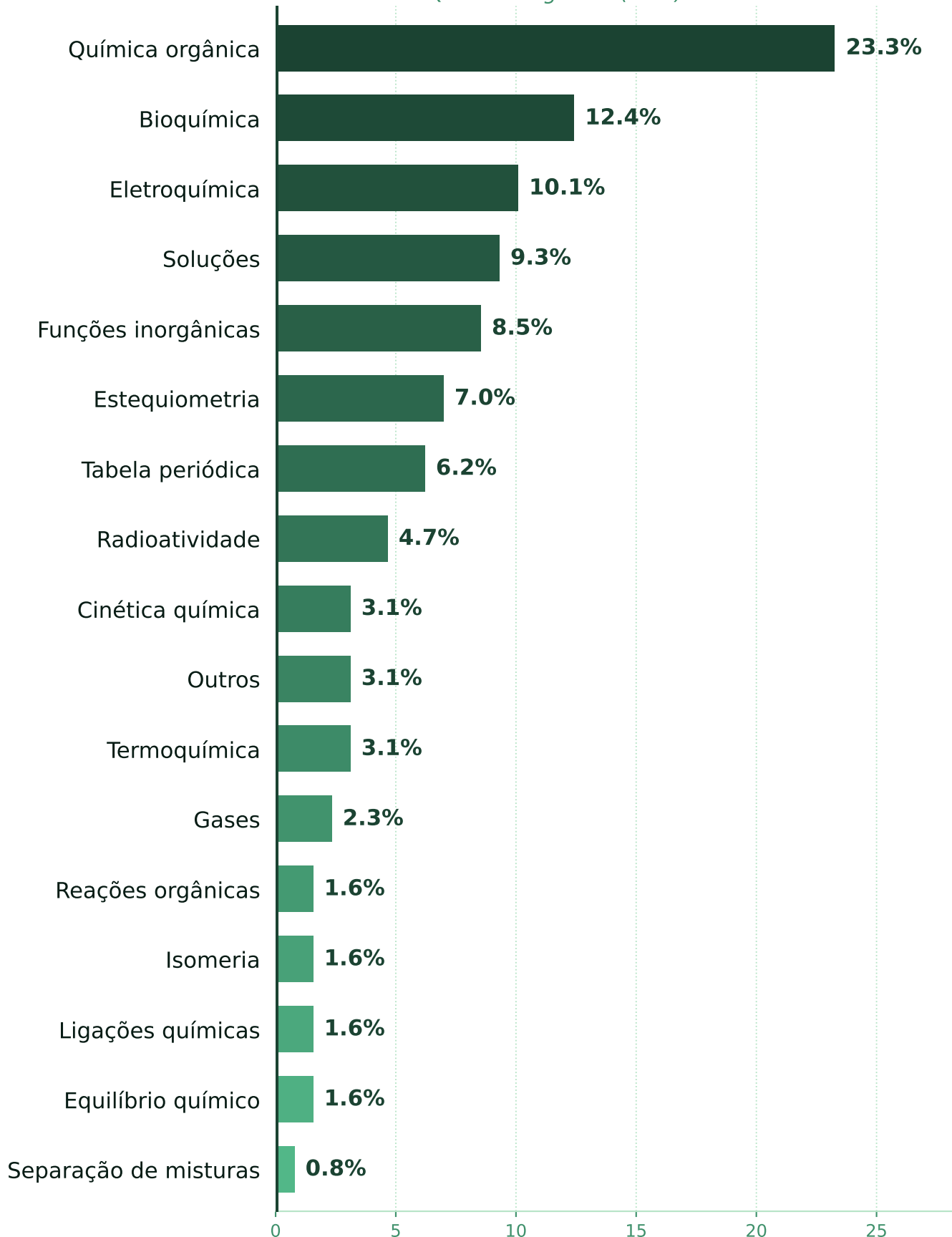
MEDICINA · 129 questões analisadas



QUÍMICA

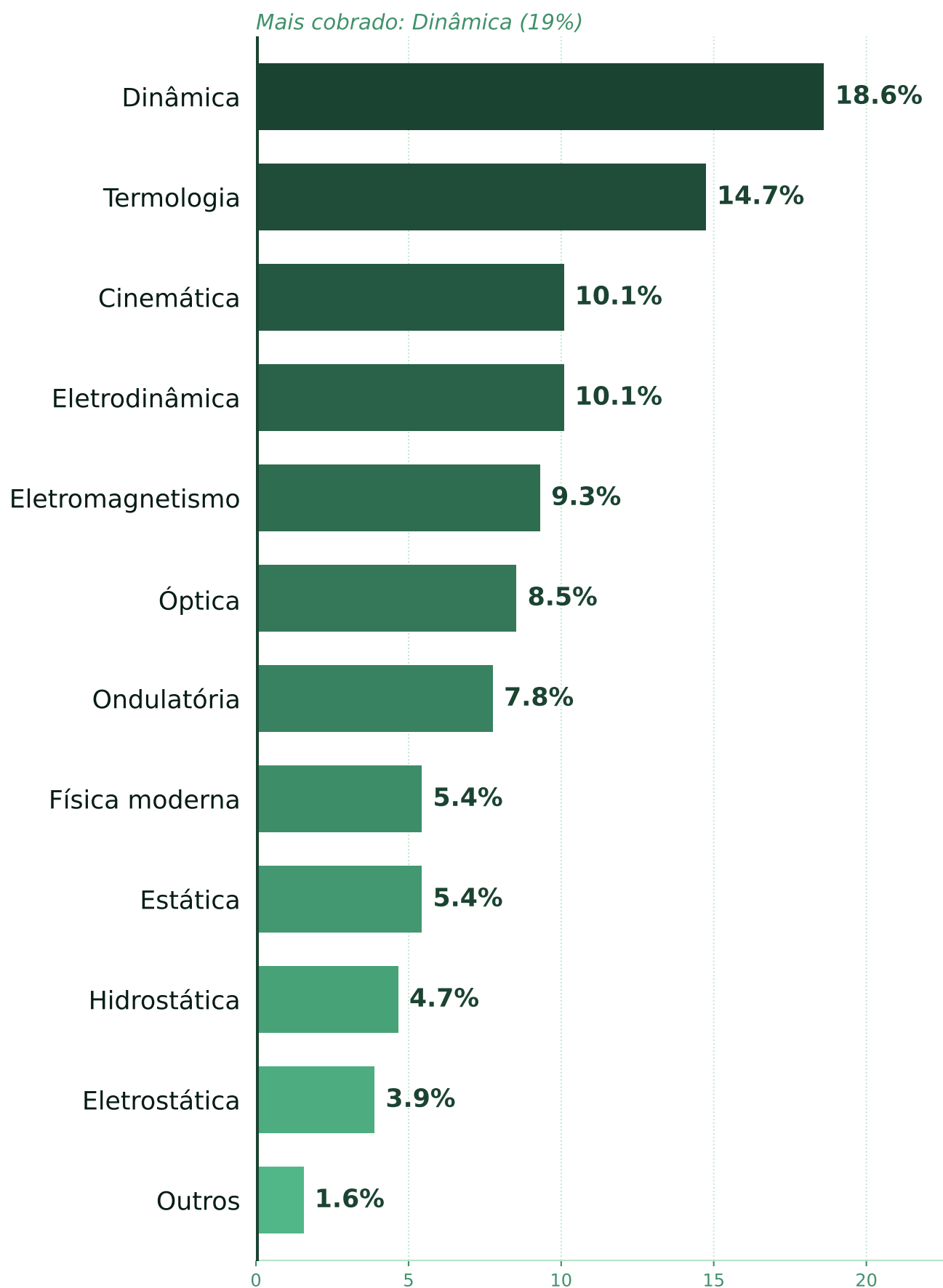
MEDICINA · 129 questões analisadas

Mais cobrado: Química orgânica (23%)



FÍSICA

MEDICINA · 129 questões analisadas



MATEMÁTICA

MEDICINA · 128 questões analisadas

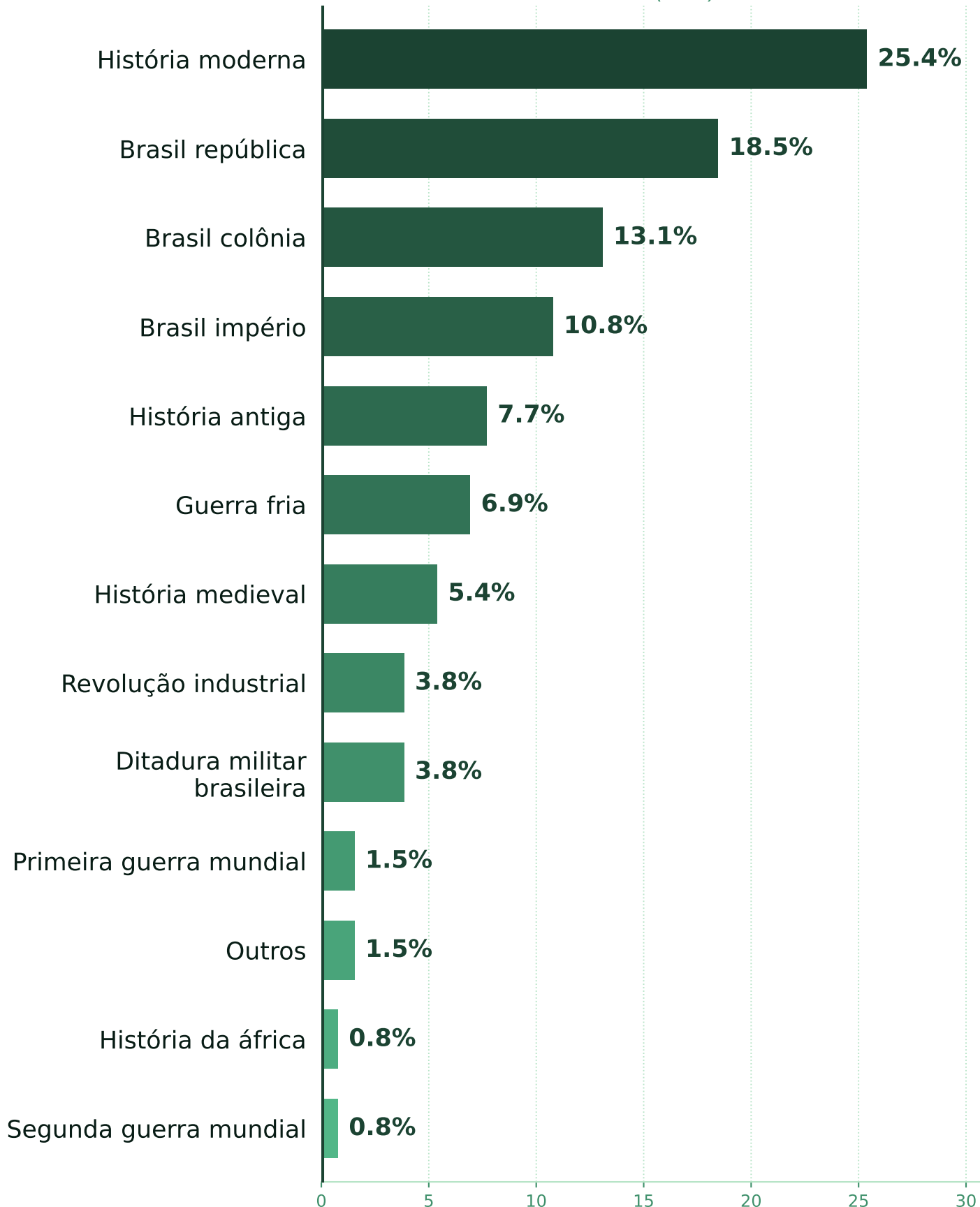
Mais cobrado: Funções (17%)



HISTÓRIA

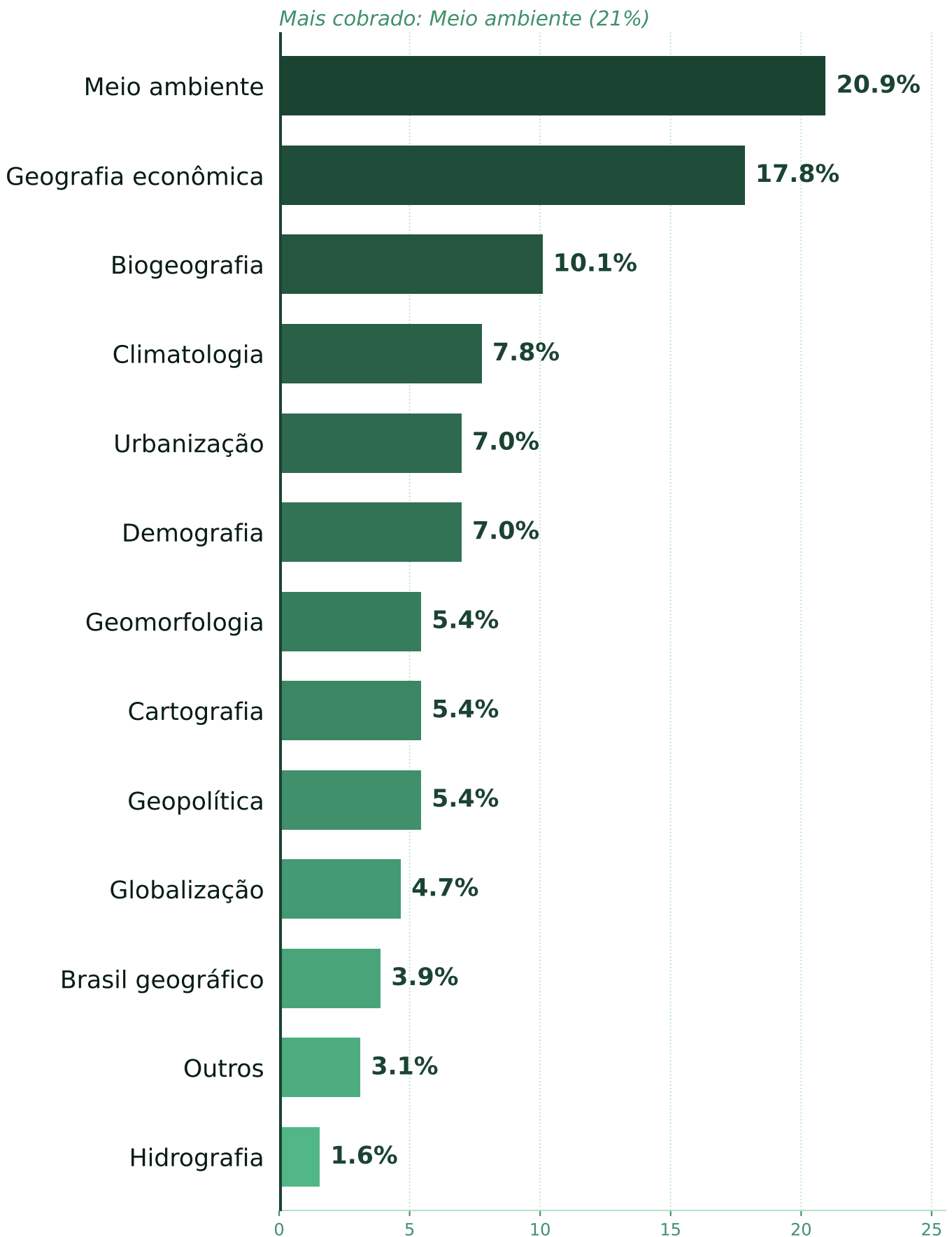
MEDICINA · 130 questões analisadas

Mais cobrado: História moderna (25%)



GEOGRAFIA

MEDICINA · 129 questões analisadas



LÍNGUA PORTUGUESA

MEDICINA · 128 questões analisadas

Mais cobrado: Interpretação de texto (98%)

Interpretação de texto

97.7%

Coesão e coerência

0.8%

Variação linguística

0.8%

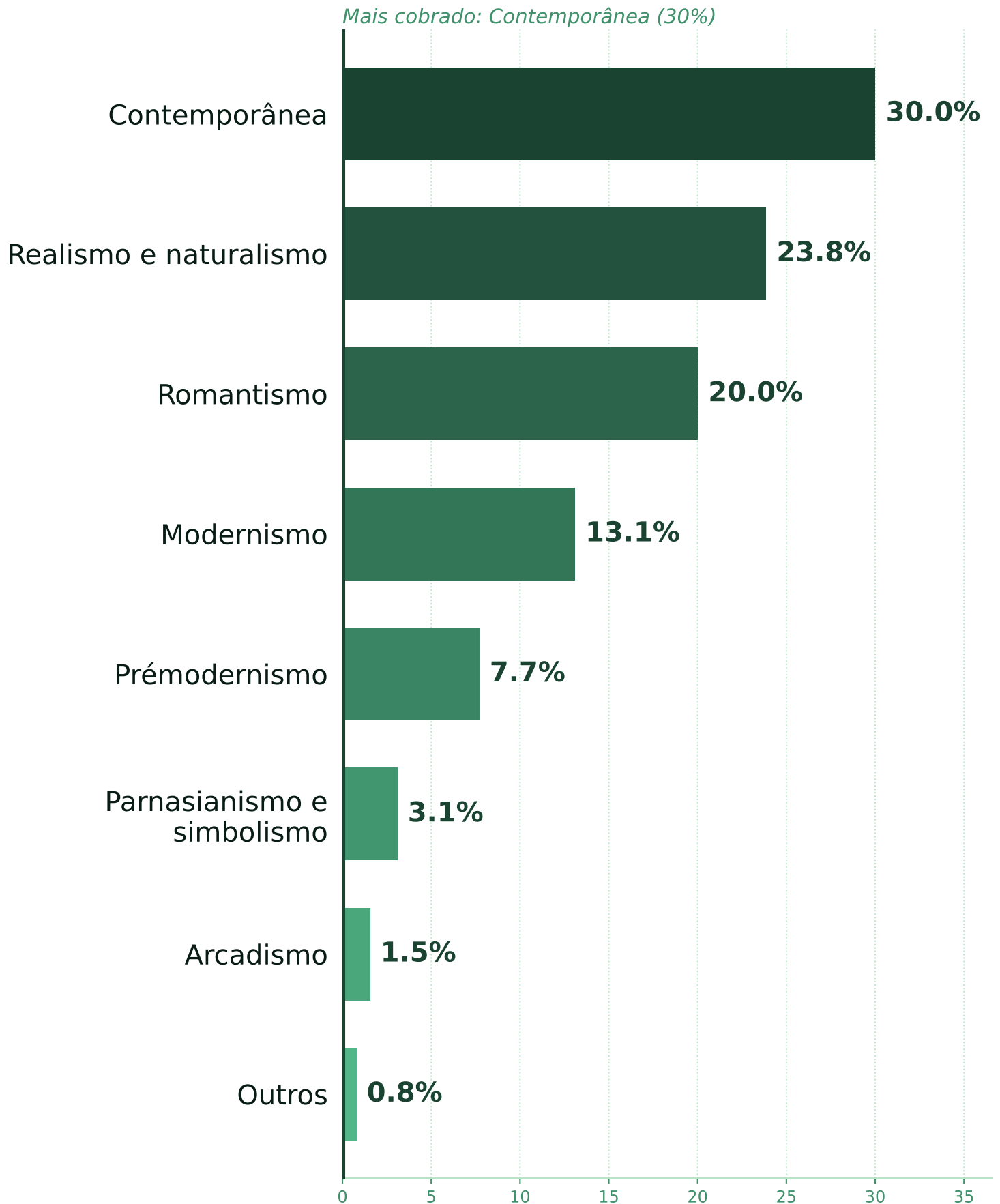
Ortografia e acentuação

0.8%

0 20 40 60 80 100

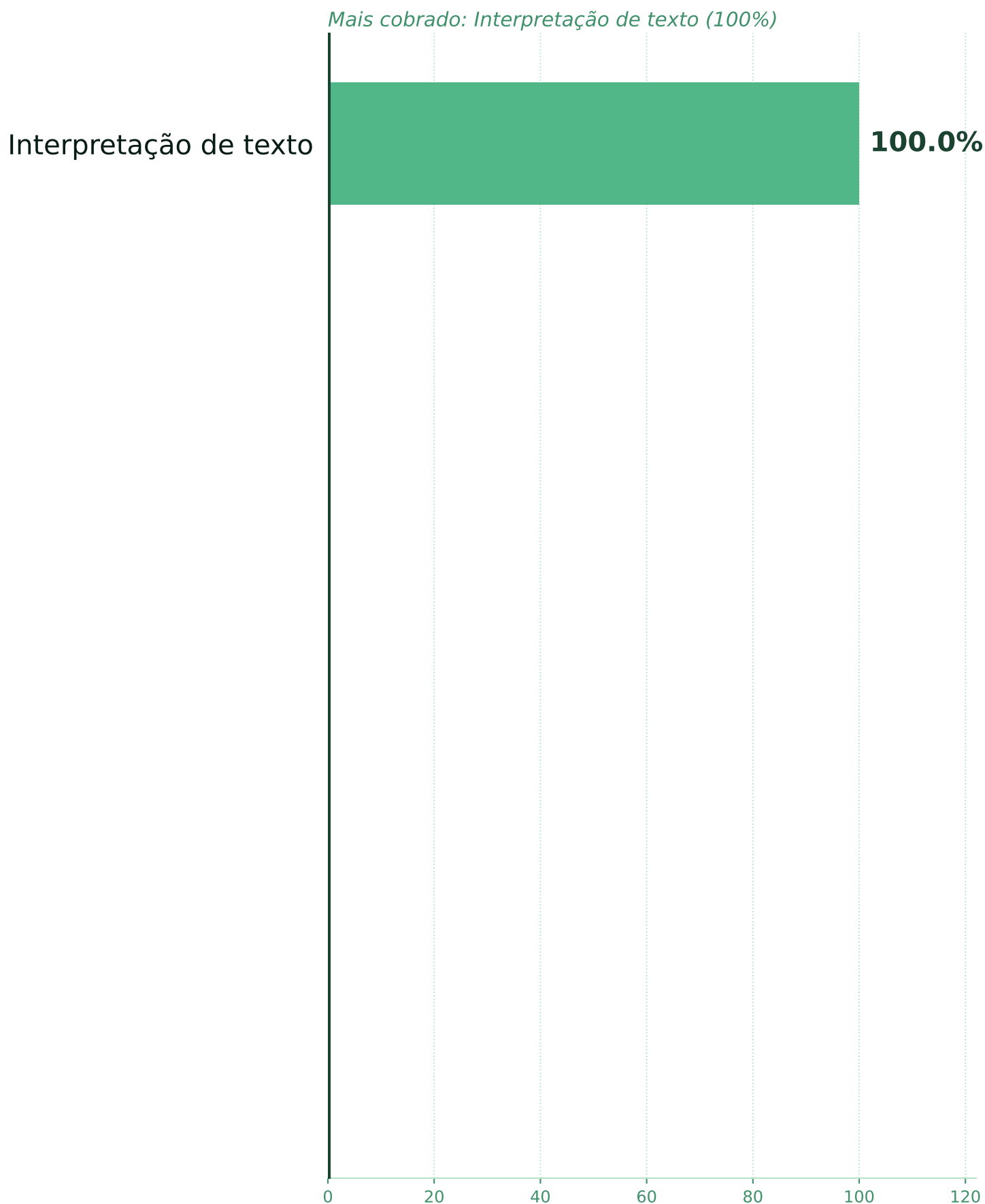
LITERATURA BRASILEIRA

MEDICINA · 130 questões analisadas



LÍNGUA ESTRANGEIRA

MEDICINA · 130 questões analisadas



Literatura Brasileira

Obras obrigatórias do vestibular

MAPA RELÂMPAGO — NÃO TROQUE NADA ENTRE AS OBRAS

Obra	Autor(a)	Escola / período	Gênero	Narrador / eu-lírico
Dom Casmurro (1899)	Machado de Assis	Realismo	Romance (148 caps.)	1ª pessoa — Bento Santiago
A Hora da Estrela (1977)	Clarice Lispector	Modernismo, 3ª fase	Novela (sem capítulos)	1ª pessoa — Rodrigo S. M.
Olhos d'água (2014)	Conceição Evaristo	Contemporânea afro-brasileira	Contos (coletânea)	Varia por conto
Vintém de Cobre (1983)	Cora Coralina	Modernismo	Poesia (verso livre)	1ª pessoa — "Aninha"

REALISMO · 1899

Dom Casmurro

Machado de Assis

01

Machado de Assis (Rio de Janeiro, 1839-1908) é o maior nome do Realismo brasileiro e o primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras. Sua obra madura larga o sentimentalismo romântico e adota análise psicológica, ironia, pessimismo e narradores manipuladores. Dom Casmurro fecha a "trilogia realista", ao lado de Memórias Póstumas de Brás Cubas (1881) e Quincas Borba (1891). Aqui o Realismo aparece menos na descrição da sociedade e mais na dissecação da alma do narrador: a obra não descreve o mundo, descreve a interpretação de Bento sobre o mundo.

PARA DECORAR

Machado de Assis · Realismo (1899) · romance em prosa, 148 capítulos curtos e numerados · narrador em 1ª pessoa: Bento Santiago (Bentinho / Dom Casmurro), que escreve já velho, no Engenho Novo · ação começa em 1857, no Rio do Segundo Reinado.

O enredo

Bentinho, menino tímido de 15 anos, é destinado por promessa da mãe, Dona Glória, ao seminário — mas ama a vizinha Capitu. Com a ajuda interesseira do agregado José Dias e a esperteza de Capitu, escapa da vida religiosa, forma-se em Direito e casa com ela. No seminário faz o amigo inseparável Escobar, que depois casa com Sancha e morre afogado. Quando nasce Ezequiel, filho do casal, o menino vai ficando parecido com Escobar — e Bento, tomado pelo ciúme, convence-se de que foi traído. Afasta mulher e filho e termina velho, sozinho e amargo, o "Dom Casmurro" que narra o livro.

O enredo em 10 partes

1. **O apelido e o projeto do livro.** O narrador conta que, certa vez, num trem rumo ao Engenho Novo — bairro afastado do Rio onde hoje vive sozinho —, um rapaz da vizinhança sentou-se a seu lado e pôs-se a declamar versos de sua autoria. Embalado pelo balanço do trem, Bento cochilou no meio da recitação, e o poeta, ofendido, vingou-se espalhando pela redondeza o apelido de "Dom Casmurro", por causa de seus hábitos reclusos e do ar soberbo. O narrador faz questão de avisar que "casmurro" não está ali no sentido do dicionário (teimoso), mas no de "homem calado e metido consigo", e que o "Dom" veio por ironia, para lhe dar fumos de fidalgo. Longe de guardar rancor, adota o apelido como título e explica por que escreve: reconstruiu no Engenho Novo a antiga casa da rua de Mata-cavalos para "atar as duas pontas da vida" e reviver a mocidade — mas confessa que a reconstituição fracassou, e é dessa falha que nasce o livro.

2. **A denúncia e a promessa (1857).** A narrativa recua a uma tarde de novembro de 1857. Bentinho, então com quinze anos, escuta escondido atrás da porta o agregado José Dias alertar sua mãe, Dona Glória, de que o menino anda "nos cantos, em segredinhos" com Capitu, a vizinha filha do Pádua; para cortar o namoro, José Dias insiste que ela cumpra logo a antiga promessa e mande o rapaz para o seminário. Sabe-se então a origem dessa promessa: ao perder o primeiro filho, Dona Glória havia jurado a Deus que, se tivesse outro homem, o faria padre. A cena é o estopim de todo o conflito — de um lado a fé e a palavra dada da mãe, de outro o amor que Bentinho ainda mal reconhecia em si.

3. **A descoberta do amor e a inscrição no muro.** Abalado com a ameaça do seminário, Bentinho vai à varanda e, remoendo a conversa, percebe pela primeira vez o que sentia: "Eu amava Capitu! Capitu amava-me!". No quintal, os dois contemplam calados os próprios nomes que a menina havia riscado a prego no muro e, sem palavras, dão-se as mãos. Já nesse ponto o narrador vai desenhando o caráter de Capitu: mais decidida e madura do que ele, capaz de apagar depressa a inscrição e disfarçar diante do pai com uma naturalidade que o espanta — a primeira das muitas vezes em que ele a acusa, de passagem, de saber "dissimular".

4. **O plano de Capitu contra o seminário.** Enquanto Bentinho se paralisa de medo, é Capitu quem age. Fria e estrategista, ela arquiteta um plano: em vez de enfrentar Dona Glória, aliciar José Dias — elogiando-o e acenando com a velha vontade dele de viajar à Europa — para que o próprio agregado convença a mãe a não mandar o rapaz para a batina. No Passeio Público, José Dias solta

sobre a menina a frase que a persegue no livro inteiro, "olhos de cigana oblíqua e dissimulada", mas aceita interceder. O episódio fixa o contraste que estrutura a obra: a inteligência prática de Capitu diante da timidez e da indecisão de Bento.

5. **Olhos de ressaca e o primeiro beijo.** Num dos capítulos mais célebres, Bento pede para ver os olhos de Capitu e fica como que hipnotizado, cunhando a imagem de "olhos de ressaca" — uma força que "arrastava para dentro, como a vaga que se retira da praia". Logo depois, ao pentear-lhe os cabelos, num momento de forte sensualidade contida, os dois trocam o primeiro beijo, e o menino recua atordoado, exclamando para si "Sou homem!". Vale reter que a sedução e o perigo daqueles olhos são criação do narrador: é ele quem tece a metáfora, não um fato observável.

6. **O seminário, Escobar e os juramentos.** Cumprindo a promessa ao menos de fachada, Bento entra no seminário de São José decidido a não tomar ordens. Antes, porém, ele e Capitu selam, junto ao poço do quintal, o juramento de casarem um com o outro "haja o que houver". No seminário, Bento faz do colega Escobar — rapaz esbelto, de "olhos claros um pouco fugitivos" e memória excelente — o amigo inseparável, a quem confia que não quer ser padre e que ama alguém; Escobar, por sua vez, revela que pretende deixar a batina pelo comércio. A amizade entre os dois é tão intensa que torna, mais tarde, ainda mais dramática a suspeita que se abaterá sobre eles.

7. **A ponta de lago: nasce o ciúme.** Ainda no seminário, José Dias comenta que Capitu "tem andado alegre" e que qualquer dia pega "algum peralta da vizinhança que case com ela" — e planta assim, em Bento, "um sentimento cruel e desconhecido, o puro ciúme". O narrador liga explicitamente essa cena a Otelo e a Iago: José Dias é o terceiro que insinua a suspeita sem qualquer prova. A partir daí, o ciúme invade até os sonhos de Bento, e cada olhar de Capitu para outro homem passa a doer como uma dentada.

8. **Fim do seminário, formatura e casamento.** Dona Glória acaba dispensada da promessa — arranja-se quem entre para a Igreja no lugar de Bento, que assim pode seguir a vida civil. Ele estuda Direito, forma-se e enfim se casa com Capitu, realizando o velho juramento do poço. Os primeiros anos de casados são felizes; a única sombra é a demora em ter filhos. Nesse tempo, Escobar casa-se com Sancha, amiga de Capitu, e os dois casais tornam-se inseparáveis, numa convivência quase diária.

9. **A amizade a quatro e a morte de Escobar.** Finalmente nasce Ezequiel, filho de Bento e Capitu — batizado, não por acaso, com o mesmo primeiro nome de Escobar. A amizade entre os casais se que estreita, até que Escobar, nadador confiante, morre afogado ao entrar no mar numa manhã de ressaca. No velório, Bento observa — ou julga observar — os olhos de Capitu fixos no cadáver do amigo, e é esse olhar que ele guardará como o começo de sua certeza.

10. **A suspeita e o Dom Casmurro.** À medida que cresce, Ezequiel vai ficando cada vez mais parecido com Escobar, e o que era ciúme se converte, na cabeça de Bento, em convicção de adultério. Ele cogita envenenar-se e chega a pensar em matar o próprio menino, mas recua; acusa Capitu, que se defende negando, e resolve separar-se. Manda mulher e filho para a Suíça, onde Capitu acaba morrendo; Ezequiel volta adulto, reconciliado apenas na aparência com o pai, e morre pouco depois numa viagem. Sozinho, velho e amargo, sem jamais ter provado coisa alguma, Bento fe

cha-se no Engenho Novo e escreve o livro com que tenta — sem conseguir — atar as duas pontas da vida. A pergunta central, se houve ou não traição, permanece sem resposta.

FOCO DE PROVA

O narrador é não confiável (ambíguo): ele constrói a versão da traição, mas o texto nunca confirma o adultério. A pergunta central — houve ou não traição? — fica sem resposta. Quem chama Capitu de "dissimulada" é sempre o narrador ou um terceiro (José Dias), nunca uma prova objetiva.

O momento em que Bento "vê" a alma de Capitu pelos olhos é o mais famoso da obra — e a imagem é criada pelo narrador, não é fato:

// Olhos de ressaca? Vá, de ressaca. É o que me dá ideia daquela feição nova. Traziam não sei que fluido misterioso e enérgico, uma força que arrastava para dentro, como a vaga que se retira da praia, nos dias de ressaca.

— Dom Casmurro, cap. XXXII — "Olhos de ressaca"

Personagens

- Bento Santiago (Bentinho / Dom Casmurro) — narrador e protagonista; tímido, ciumento, es creve velho para "atar as duas pontas da vida".
- Capitu (Capitolina) — amor de infância e esposa; inteligente e decidida; "olhos de ressaca"; o enigma da obra.
- Escobar — melhor amigo de Bento; a semelhança de Ezequiel com ele alimenta o ciúme; morre afogado.
- Ezequiel — filho de Bento e Capitu; o parecido com Escobar é a "prova".
- Dona Glória — mãe devota que prometeu o filho à Igreja.
- José Dias — agregado bajulador, que "amava os superlativos"; delator do namoro e semeador da suspeita.

Título, temas e intertextualidade

Temas centrais: ciúme, dúvida e ambiguidade da verdade, memória seletiva e o poder de quem narra (a manipulação do leitor). O sentido do título cai muito — e o próprio cap. I avisa como lê-lo:



Não consultes dicionários. Casmurro não está aqui no sentido que eles lhe dão, mas no que lhe pôs o vulgo de homem calado e metido consigo. Dom veio por ironia, para atribuir-me fumos de fidalgo.

— Dom Casmurro, cap. I — "Do título"

DICA — O TÍTULO

"Casmurro" não é o do dicionário (teimoso): vale "homem calado e metido consigo". "Dom" é ironia, para dar ares de fidalgo. O apelido nasce de um mal-entendido (Bento cochilou enquanto um poeta recitava versos no trem) — e mal-entendido é justamente o tema do livro. Intertexto do ciúme: Otelo, de Shakespeare (cap. LXII, "Uma ponta de lago").

PEGADINHA

- ✘ "O livro prova que Capitu traiu Bento com Escobar."
- A obra é ambígua: a traição é acusação do narrador, nunca confirmada pelo texto. Julgar Capitu culpada como fato é erro.

PEGADINHA

- ✘ "'Olhos de cigana oblíqua e dissimulada' foi dito por Bento / prova a culpa de Capitu."
- Quem diz é José Dias (cap. XXV); é opinião de terceiro, não fato.

MODERNISMO · 1977

02

A Hora da Estrela

Clarice Lispector

Clarice Lispector (Ucrânia, 1920 — Rio de Janeiro, 1977) veio bebê para o Brasil, foi criada no Nordeste e é um dos grandes nomes da prosa modernista introspectiva. Seu estilo tem sondagem psicológica, fluxo de consciência e epifania. *A Hora da Estrela* pertence ao Modernismo da 3ª fase (pós-45), na vertente intimista — o foco está na consciência, na linguagem e no vazio existencial, não na ação externa.

PARA DECORAR

Clarice Lispector · Modernismo, 3ª fase · 1977, seu último livro, no ano de sua morte · novela sem capítulos (narrativa contínua), aberta por 13 títulos alternativos · narrador: Rodrigo S. M, homem fictício criado por Clarice.

O enredo

O narrador Rodrigo S. M anuncia que vai contar a história de uma nordestina pobre e sofre para escrevê-la. Ele apresenta Macabéa, datilógrafa alagoana órfã, subnutrida, feia e alienada, que mora no Rio, come cachorro-quente e ouve a Rádio Relógio. Ela namora Olímpico de Jesus, operário paraibano ambicioso e cruel, que a troca pela colega Glória. Macabéa vai à cartomante Madame Carlota, que prevê um futuro glorioso — casamento com um estrangeiro rico. Cheia de esperança, ao sair, é atropelada por um Mercedes amarelo e morre na rua: o seu único instante de brilho, a "hora da estrela".

O enredo em 10 partes

1. Os treze títulos e a dedicatória. Antes de a história começar, o livro se abre de modo desconcertante: traz treze títulos alternativos para si mesmo — entre eles "A culpa é minha", "Ela que se arranje", "O direito ao grito", "Quanto ao futuro" e o próprio "A hora da estrela" — e uma "Dedicatória do Autor (na verdade Clarice Lispector)", em que a escritora dedica a obra a velhos músicos como Schumann, Beethoven e Bach. Esse pórtico já avisa o leitor de que o que importará não é apenas a história contada, mas o modo como ela vai sendo feita.

2. Rodrigo S. M, o narrador que sofre para escrever. Surge então o narrador, Rodrigo S. M, um escritor fictício criado por Clarice, que anuncia a intenção de contar a vida de uma moça nordestina pobre. Ele não avança sem antes se demorar na própria angústia: confessa a culpa de "ter mais dinheiro do que os que passam fome", diz que precisa se rebaixar — não fazer a barba, vestir roupa velha — para chegar à personagem, e discute o tempo todo a dificuldade de escrever. É dele a frase que abre e ecoa por toda a obra: "Tudo no mundo começou com um sim".

3. **Macabéa: a origem sertaneja e o corpo.** Conhecemos enfim Macabéa, datilógrafa que o narrador chama de "incompetente para a vida": erra à máquina, suja o papel, e o chefe, Seu Raimundo, já avisa que vai demiti-la. Sabe-se que nasceu raquíca no sertão de Alagoas, ficou órfã aos dois anos e foi criada aos cascudos por uma tia beata em Maceió. Feia, subnutrida, com uma tuberculose que nem sabe ter, Macabéa é o avesso do herói épico — e o próprio nome, tirado dos guerreiros Macabeus, soa como ironia.

4. **O cotidiano: as quatro Marias e a Rádio Relógio.** No Rio, Macabéa mora num quarto da rua do Acre dividido com quatro moças todas chamadas Maria. Alimenta-se de cachorro-quente e Coca-Cola, recorta anúncios e tem por maior prazer a Rádio Relógio, que anuncia a hora certa e despeja "curiosidades" e palavras difíceis. Tão alheia a si mesma que "não sabia que era infeliz", ela leva uma existência mínima, marcada pela alienação da indústria cultural e por uma docilidade sem revolta.

5. **O encontro com Olímpico (7 de maio).** Num dia raro de solidão feliz — mentiu ao chefe que ia arrancar um dente e dançou sozinha no quarto —, Macabéa conhece, no dia seguinte, sob chuva, Olímpico de Jesus, operário paraibano. Os dois se reconhecem como "bichos da mesma espécie". Ele estranha o nome dela ("até parece doença de pele"), e ela explica que a mãe o deu por promessa a Nossa Senhora da Boa Morte. É o primeiro namorado de sua vida.

6. **O namoro dos desencontros.** O namoro é feito de diálogos vazios em que ninguém entende ninguém: Macabéa repete palavras que ouviu no rádio — "álgebra", "eletrônico", "renda per capita" — e Olímpico responde com grosseria ("Eu sei mas não quero dizer"). Passeiam pelo Jardim Zoológico, onde ela se assusta com o rinoceronte. Olímpico, ambicioso e cruel, exhibe um dente de ouro, sonha ser deputado e confessa já ter matado um homem no sertão; volta e meia humilha a namorada, chamando-a de "voz de cana rachada".

7. **Glória rouba Olímpico.** Olímpico logo se interessa pela colega de trabalho de Macabéa, Glória — carioca, oxigenada, "bem alimentada", filha de açougueiro. Ele rompe com Macabéa dizendo que ela é "um cabelo na sopa". Em vez de chorar, Macabéa começa a rir, numa reação inesperada, e faz para si mesma uma pequena festa: compra um batom vermelho e se pinta toda, enquanto Glória, por culpa, a convida para um lanche que acaba lhe fazendo mal.

8. **O médico e a doença.** Glória indica um médico barato, que constata que Macabéa se alimenta apenas de cachorro-quente e refrigerante e diagnostica um "começo de tuberculose", tratando-a com desdém e irritação. O episódio expõe o descaso das instituições com o miserável — a medicina de pobres. É também aqui que o narrador confessa estar "apaixonado" por Macabéa e pela própria feiúra dela, insistindo na subnutrição e na doença que pesarão no desfecho.

9. **Madame Carlota e a falsa profecia.** Com dinheiro emprestado por Glória, Macabéa toma seu primeiro táxi e vai à cartomante Madame Carlota, ex-prostituta devota de Jesus. A cartomante "acerta" o passado miserável e o presente sombrio da moça, mas anuncia em seguida uma reviravolta gloriosa: dali em diante tudo mudaria — o chefe não a demitiria, e um estrangeiro rico e louro chamado Hans se casaria com ela e a cobriria de luxo. Pela primeira vez na vida, Macabéa sai à rua cheia de esperança, apaixonada por um futuro que imagina.

10. O Mercedes amarelo: a hora da estrela. Ao atravessar a rua, ainda deslumbrada com a profecia, Macabéa é atropelada por um Mercedes amarelo — justamente o carro de luxo que a previsão parecia prometer. Caída na sarjeta, sangrando, cercada de curiosos, com uma vela acesa e um homem tocando violino, ela vive por fim seu único instante de brilho, a "hora da estrela": o momento em que a criatura mais apagada se torna, por um átimo, protagonista da própria vida. Murmura "Quanto ao futuro" e morre. O narrador anuncia o fim com um "Até tu, Brutus?", diz que morre junto com a moça e encerra a obra com a mesma afirmação do começo: "É tempo de morangos. Sim."

A obra abre e fecha com a mesma palavra afirmativa, marca do projeto do narrador:

// Tudo no mundo começou com um sim.

— A Hora da Estrela — frase de abertura (a obra fecha com "Sim.")

FOCO DE PROVA

Quem narra é Rodrigo S. M, personagem masculino fictício criado por Clarice. Ele conta Macabéa em 3ª pessoa, mas invade o texto em 1ª pessoa o tempo todo (metalinguagem: o livro discute como está sendo escrito). Não é Clarice diretamente, nem a própria Macabéa.

Personagens

- Macabéa — datilógrafa alagoana, órfã, pobre, feia, subnutrida, ingênuo, "incompetente para a vida"; o oposto do herói épico.
- Rodrigo S. M — o narrador-escritor que inventa e comenta Macabéa; confessa culpa de classe.
- Olímpico de Jesus — namorado paraibano, ambicioso e cruel; troca Macabéa por Glória.
- Glória — colega carioca, "bem alimentada", que fica com Olímpico.
- Madame Carlota — cartomante que prevê um futuro glorioso momentos antes da morte.

Título, temas e intertextualidade

Temas: miséria e exclusão do migrante nordestino, alienação pela indústria cultural, crise da linguagem (nos diálogos, ninguém entende ninguém) e a condição da mulher apagada. Intertextos: o nome "Macabéa" é ironia com os Macabeus (povo guerreiro hebreu — ela é o contrário de heroica); o narrador reescreve Euclides da Cunha ("O sertanejo é antes de tudo um forte" vira "um paciente").

DICA — O TÍTULO

"A hora da estrela" é o instante da morte: o único momento em que a apagada Macabéa vira "estrela de cinema", protagonista da própria vida. Ela só "brilha" ao morrer — ironia trágica, pois morre justo quando acreditou num futuro grandioso.

PEGADINHA

- ✘ "É romance regionalista da Geração de 30, com foco na seca nordestina."
- É novela modernista intimista (pós-45); o Nordeste chega ao Rio na figura de uma migrante, e o interesse é a consciência e a linguagem.

PEGADINHA

- ✘ "O narrador é a própria Macabéa / a própria Clarice" ou "Macabéa se casa com Hans e tem final feliz."
- Narra Rodrigo S. M. (masculino, fictício). Hans é só a falsa previsão da cartomante; Macabéa morre atropelada por um Mercedes amarelo.

AFRO-BRASILEIRA · 2014

03

Olhos d'água

Conceição Evaristo

Conceição Evaristo nasceu na favela do Pendura Saia, em Belo Horizonte (1946), foi empregada doméstica e depois se tornou professora, mestre e doutora. É uma das principais vozes da literatura afro-brasileira contemporânea. Escreve a partir do seu lugar de fala — mulher negra e periférica — e seu conceito-chave é a "escrevivência" (escrever + viver + vivência): a escrita nascida da experiência da mulher negra. Olhos d'água faz realismo cru, cruzando raça, gênero e classe, entre a denúncia e a celebração da vida.

PARA DECORAR

Conceição Evaristo · Literatura contemporânea afro-brasileira · 2014 · coletânea de contos (não tem enredo único) · foco narrativo varia de conto para conto · autora viva, nascida em Belo Horizonte/MG; criadora do conceito de "escrevivência".

O que traz o livro

Não há enredo único: são contos independentes, cada um com sua protagonista, em geral mulheres negras da favela e da periferia. O que une o livro é o olhar sobre a mulher negra, a maternidade, a pobreza e a violência. O conto-título é a chave do nome do livro: uma filha tenta lembrar a cor dos olhos da mãe e descobre que são "cor de olhos d'água".

//

A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d'água. Águas de Mamãe Oxum! Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície.

— Olhos d'água — conto-título

Outros contos frequentes na prova: Ana Davenga (grávida, metralhada na cama pela polícia); Maria (empregada doméstica linchada num ônibus); Duzu-Querença (velhice, memória entre avó e neta); Zaíta (menina morta num tiroteio do tráfico).

Os quinze contos, um a um

Olhos d'água. No conto que dá título ao livro, a narradora acorda de madrugada com uma pergunta que a aflige: de que cor eram os olhos de sua mãe? A mais velha de sete filhas, ela recorda tudo — a fome da infância, as brincadeiras que a mãe inventava para enganar essa fome, as rezas a Santa Bárbara —, mas não consegue lembrar a cor daqueles olhos. Volta à cidade natal e, ao reencontrar a mãe, vê apenas lágrimas: os olhos dela têm "a cor de olhos d'água, águas de Mamãe

Oxum". Anos depois, já mãe, ouve a própria filha lhe fazer a mesma pergunta — e o ciclo entre as mulheres se fecha. É o único conto narrado em primeira pessoa e o que explica o nome do livro.

Ana Davenga. Ana espera pelo companheiro, Davenga, chefe de um grupo armado da favela, quando batidas na porta anunciam uma festa surpresa — o primeiro aniversário que ela comemora na vida. Entre lembranças de como o casal se conheceu num samba e dos assaltos de Davenga, sabe-se que Ana está grávida. Na madrugada seguinte, porém, a polícia invade o barraco: Davenga é morto e Ana é metralhada na própria cama, as mãos sobre a barriga, tentando proteger o filho que não chegará a nascer.

Duzu-Querença. Duzu, uma mendiga idosa, delira à porta de uma igreja. Em retrospecto, sabe-se que chegou menina à cidade sonhando estudar, mas foi explorada e levada à prostituição por Dona Esmeraldina; teve nove filhos e sofre com a morte do neto Tático, de treze anos, na guerra do tráfico. Nos delírios finais, veste-se de baiana para um carnaval imaginário e "ganha asas para voar", morrendo em paz. A neta Querença herda dela a memória e os sonhos da família — o nome do conto, unindo avó e neta, sugere essa continuidade.

Maria. Maria, empregada doméstica, volta de ônibus do trabalho levando restos de comida para os filhos quando reencontra por acaso o ex-companheiro, pai do filho mais velho — que está ali, na verdade, para assaltar o coletivo. Consumado o assalto, os passageiros a acusam de ser cúmplice dos ladrões, por não ter sido roubada, e a lincham brutalmente. Maria morre pisoteada, sem conseguir transmitir ao filho o recado de carinho que o pai lhe pedira — retrato seco do racismo e da violência coletiva.

Quantos filhos Natalina teve? Natalina está grávida pela quarta vez, e é a primeira gestação que ela deseja. O conto recupera as outras três, todas forçadas: a primeira ainda menina, entregue a uma enfermeira; a segunda, deixada com o pai; a terceira, uma espécie de "barriga de aluguel" para a patroa, em que engravidou do patrão. A quarta, porém, nasceu de um estupro do qual Natalina escapou matando o agressor com a própria arma dele. Ela termina feliz, à espera do filho que enfim será só seu.

Beijo na face. Salinda vive um amor secreto com outra mulher, escondido por medo do marido controlador e violento, que a vigia e ameaça tirar-lhe os filhos. Os encontros acontecem sob a proteção da tia Vandú. Quando o marido descobre tudo e anuncia, por telefone, que disputará ferozmente a guarda das crianças, Salinda encara o golpe de cabeça erguida e, no espelho, vê o rosto da amada — afirmação do amor entre "duas iguais", em meio à violência doméstica e ao controle patriarcal.

Luamanda. O conto traça o perfil de Luamanda, mulher de quase cinquenta anos, avó e mãe de cinco, que faz o balanço de uma vida amorosa e sexual vivida com liberdade: amores de menina, o homem que a marcou, relações com outra mulher, com um jovem e com um velho — e também a violência que sofreu. Estruturado por perguntas que se repetem ("O amor é terremoto?"), o texto celebra a sexualidade feminina livre e o autoconhecimento, e termina com a personagem indo, à noite, para mais um encontro.

O cooper de Cida. Cida vive correndo — literalmente, fazendo cooper na praia de Copacabana, e na vida, entre trabalho, cursos rápidos e prazeres cronometrados, obcecada pela pressa. Numa manhã, pela primeira vez, ela desacelera, vê de fato o mar e um banhista tranquilo, e percebe que é "uma mulher, e não uma máquina". Decide então parar: falta ao trabalho e diz baixinho que vai "dar um tempo para ela". É um dos raros contos sem morte violenta — trata de uma virada interior.

Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos. A menina Zaíta procura, aflita, uma figurinha em forma de flor que a irmã gêmea perdera. Distraída na busca, sai de casa contrariando a mãe. O irmão mais velho é chefe do tráfico local e, num tiroteio, Zaíta — alheia ao perigo, ainda atrás da figurinha — é atingida e morre com outros. Ao encontrá-la caída, a irmã grita a frase que dá título ao conto: "Zaíta, você esqueceu de guardar os brinquedos!". A imagem das balas que "desabrocham como flores malditas" resume o choque entre a infância e a violência.

Di Lixão. Di Lixão, menino de rua de quinze anos que dorme sob uma marquise, acorda ferido — com um abscesso no dente e dores depois de uma briga com o companheiro. Lembra da mãe, prostituta assassinada, cujo assassino ele conhece mas cala. Sozinho, com as dores se somando e urinando sangue, encolhe-se aos poucos "até ganhar a posição de feto" e morre; o rabeção recolhe o corpo daquele que ganhara o apelido de tanto chutar latões de lixo. É o retrato do abandono e da morte solitária dos meninos de rua.

Lumbiá. Lumbiá é um menino vendedor ambulante, cheio de malícia e de truques de venda, que ama de verdade, no Natal, o presépio — o Deus-menino pobre, "só faltava ser negro como ele". Obcecado por ver o grande presépio de uma loja proibida a crianças desacompanhadas, ele finalmente entra, identifica-se com a imagem, toma o Deus-menino nos braços e foge. Ao correr para a rua, é atropelado e morre abraçado à figura — num conto atravessado pela fé e pela identificação do negro com o sagrado.

Os amores de Kimbá. Kimbá é um jovem negro da favela, alto e bonito, que trabalha em supermercado e detesta a pobreza. Vive dividido num triângulo amoroso, entre Beth, mulher branca e rica, e Gustavo, amigo abastado que também o deseja. Preso entre dois mundos e sem enxergar saída, Kimbá acata um pacto de morte: os três bebem veneno juntos, e ele se deita "no meio" para morrer com os dois. O nome duplo — Zezinho e Kimbá — marca a identidade partida entre a favela e o mundo dos ricos.

Ei, Ardoça. Ardoça, homem exausto da vida e do barulho dos trens em meio aos quais praticamente nasceu, decide se matar: no trabalho, bebe um veneno e sobe no trem para morrer ali. Desfalece no vagão cercado de indiferença — os passageiros o julgam bêbado, e só uma mulher lhe dá água. Um homem chega gritando seu nome e o retira do trem, mas apenas para assaltá-lo, levando os sapatos e o relógio de quem "já despertencia à vida". Ardoça morre no banco da estação, num conto sobre suicídio, exaustão do trabalhador pobre e indiferença social.

A gente combinamos de não morrer. No conto mais experimental do livro, Dorvi, jovem envolvido com o tráfico, está condenado: fez um mau negócio com os fornecedores e sabe que vai matar e ser morto, apesar do juramento de infância entre os amigos — "a gente combinamos de não morrer". As vozes se alternam: a de Dorvi, a de sua companheira Bica (que escreve e sonha outro

futuro para o filho) e a de Dona Esterlinda (a mãe, que assiste à novela e lembra do outro filho, morto por trair o código do tráfico). O foco narrativo fragmentado faz deste o clímax do livro; é de Bica a frase "Escrever é uma maneira de sangrar".

Ayoluwa, a alegria do nosso povo. Fechando a coletânea, este conto de tom mítico e ancestral é narrado em primeira pessoa do plural — a voz da própria comunidade. Um povoado definha: os velhos clamam pela morte, os jovens se perdem e nenhuma criança nasce. A esperança volta quando Bamidele ("a esperança") anuncia uma gravidez e a parteira Omolara recebe a menina Ayoluwa ("a alegria do nosso povo"). Com o nascimento, a comunidade "toma novamente a vida com as próprias mãos" — nota de celebração e renascimento que contrapõe as muitas mortes dos contos anteriores.

Personagens

- A filha-narradora ("Olhos d'água") — busca a cor dos olhos da mãe; o ciclo se repete com a própria filha dela.
- Ana Davenga — grávida, morre metralhada protegendo o filho na barriga.
- Maria — empregada doméstica linchada por engano num assalto a ônibus.
- Duzu-Querença — a idosa (Duzu) e a neta (Querença): continuidade da memória.
- Zaíta — menina que morre em tiroteio enquanto procurava uma figurinha.

Título, temas e foco narrativo

Temas: mulher negra, maternidade, pobreza e fome, violência urbana e policial, ancestralidade de matriz africana e resistência.

DICA — O TÍTULO

"Olhos d'água" = os olhos chorosos da mãe, cor de água — choro/dor e, ao mesmo tempo, águas de Mamãe Oxum (força ancestral feminina que atravessa as gerações). Não é paisagem nem nascente.

FOCO DE PROVA

O foco narrativo varia: o conto-título é em 1ª pessoa (a filha); a maioria é em 3ª pessoa. O erro do título "A gente combinamos de não morrer" é intencional (oralidade), não falha de revisão.

PEGADINHA

- ✘ "Conceição Evaristo é do Modernismo/Realismo, já falecida, nascida no Rio" ou "Olhos d'água é um romance de enredo único."
- É autora contemporânea e viva, nascida em Belo Horizonte/MG; e o livro é uma coletânea de contos independentes. Se cair "escrevivência", é dela.

MODERNISMO · 1983

04

Vintém de Cobre

Cora Coralina

Cora Coralina — pseudônimo de Ana Lins dos Guimarães Peixoto Brêtas — nasceu na Cidade de Goiás em 1889 e morreu em 1985. Teve pouca escolaridade, viveu 45 anos no interior de São Paulo e voltou para a Casa Velha da Ponte, onde foi doceira. É o exemplo máximo de estreia tardia: publicou o primeiro livro só em 1965, aos 76 anos, apadrinhada por Carlos Drummond de Andrade. Sua estética — verso livre, linguagem coloquial, temática social e do cotidiano — é modernista (vertente intimista e memorialista).

PARA DECORAR

Cora Coralina · Modernismo · 1983 · livro de poemas em verso livre (poesia, não prosa), em três livros · eu-lírico em 1ª pessoa, confessional: "Aninha" é a própria autora · a obra é auto biográfica.

O que traz o livro

Não é narrativa: é poesia lírica confessional. A voz de Aninha revisita, na velhice, a infância pobre na Cidade de Goiás, a Casa Velha da Ponte e a Fazenda Paraíso. O livro se divide em três (Meias Confissões de Aninha; Imaginários de Aninha; Nos Reinos de Goiás). O poema mais famoso resume sua vida — doceira e poeta — e o tema do recomeço:

// Recria tua vida, sempre, sempre. Remove pedras e planta roseiras e faz doces. Recomeça.

— Aninha e Suas Pedras

Em "A Gleba me Transfigura", o eu-lírico se funde com a terra (tema telúrico):

// A gleba me transfigura. [...] Sou árvore, sou tronco, sou raiz, sou folha, sou graveto, sou mato, sou paiol [...] Minha pena (esferográfica) é a enxada que vai cavando.

— A Gleba me Transfigura

Figuras recorrentes

- Aninha — o eu-lírico; a "menina mal-amada", rejeitada pela mãe (que queria um filho homem).
- A bisavó e a tia Nhorita — as únicas que davam carinho a Aninha.

- Mestra Silvina — a professora primária; dedicatária do livro.
- O avô — patriarca da Fazenda Paraíso.

Título e temas

Temas: memória e infância pobre; condição e submissão da mulher sob o patriarcado; denúncia social; trabalho como dignidade; a terra/gleba e a identidade telúrica.

DICA — O TÍTULO

O vintém de cobre é uma moeda antiga, escura e de pouquíssimo valor: símbolo da pobreza da infância e da gente humilde de Goiás. "Meias Confissões" = confissões parciais, incompletas, como a própria autora assume.

FOCO DE PROVA

Guarde os poemas-marca: "Aninha e Suas Pedras" (recomeço: "Remove pedras e planta roseiras"); "A Gleba me Transfigura" (telúrico); "Os Homens" classifica os homens em três tipos — água, vinho e vinagre; "Sombras" trata da velhice e da cegueira.

PEGADINHA

- ✘ "Vintém de Cobre é romance em 3ª pessoa" · "Cora é do Romantismo" · "'Os Homens' divide os homens em duas categorias."
- É livro de poemas com eu-lírico em 1ª pessoa; Cora é modernista; e "Os Homens" traz três tipos (água, vinho e vinagre).

VÉSPERA DA PROVA

05

Revisão relâmpago

As quatro obras em uma olhada

CADA OBRA EM UMA LINHA

Obra	Em uma frase
Dom Casmurro	Um homem velho tenta provar, na memória, que a esposa o traiu — e o texto nunca confirma.
A Hora da Estrela	Um narrador-escritor inventa Macabéa, nordestina pobre e apagada, que só "brilha" no instante em que morre atropelada.
Olhos d'água	Contos sobre mulheres negras da periferia, entre a violência e a ancestralidade — o choro-força das "águas de Oxum".
Vintém de Cobre	A velha Aninha (Cora Coralina) revisita, em verso livre, a infância pobre em Goiás e prega o recomeço.

PEGADINHAS CRUZADAS — NÃO TROQUE ESCOLA/GÊNERO/AUTOR ENTRE AS OBRAS

Escola: Dom Casmurro = Realismo; A Hora da Estrela e Vintém de Cobre = Modernismo; Olhos d'água = Contemporânea afro-brasileira.

Gênero: só Dom Casmurro e A Hora da Estrela são prosa de ficção (romance / novela); Olhos d'água é contos; Vintém de Cobre é poesia.

Narradores em 1ª pessoa: Bento e Rodrigo S. M. são personagens fictícios; "Aninha" (Vintém) é eu-lírico = a própria autora.

FOCO DE PROVA — VIVAS × MORTAS

Conceição Evaristo é viva e contemporânea; Clarice e Cora morreram no ano ou perto da consagração (1977 / 1985). O migrante nordestino aparece em A Hora da Estrela (Macabéa) — não confundir com o Goiás rural de Cora nem com a favela carioca de Evaristo.